

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação
Fazenda Cachoeira (antigo Sítio Cachoeira)

código
AV - FO5 - Pet

localização
Estrada Araras-Secretário, bairro Vale das Videiras, Pedro do Rio, 4º distrito de Petrópolis

município
Petrópolis

época de construção
1730

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Miguel Pereira



Fazenda Cachoeira, fachada principal

coordenador / data **Miriam Danowski e Eduardo Harguindeguy - abr 2009**
equipe **Miriam Danowski e Eduardo Harguindeguy**
histórico **Miriam Danowski e Eduardo Harguindeguy**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

A fazenda da Cachoeira fica a 1,5 km do centro urbano do Vale das Videiras, no vale entre a Serra das Araras e a Serra do Facão, contígua ao Rio Fagundes. Do outro lado da Serra do Facão está a Fazenda de Sant'Anna, tendo ambas uma notável similaridade entre projeto arquitetônico e implantação das sedes, inspiradas nas casas do interior do Minho, em Portugal.

Vale assinalar, também, que a Fazenda Santa Mônica, situada do outro lado da Estrada Araras-Secretário, fazia parte da Fazenda da Cachoeira, pertencendo a um mesmo proprietário, em 1982, como assinalado pelo inventário FUNDREM / INEPAC.

A Estrada Araras-Secretário, antigamente, passava bem próxima da sede da fazenda, mas, depois, foi feito um desvio, provavelmente por reivindicação dos proprietários, interessados em se proteger do movimento cada vez maior da via. De modo que, hoje, a casa-sede dista cerca de 65 m da referida estrada.

A aléia de jabuticabeiras, por onde hoje se entra na fazenda, estava antes do outro lado da estrada (f01 e f02).



01



02



03

Pode-se ver ainda parte do muro antigo (f03) que marcava o limite desse lado da propriedade e o traçado original da estrada e, junto a ele, um renque de palmeiras imperiais (f04). É antigo também o muro entre os níveis de terreno da sede e o do plano gramado à sua frente, além daquele que, mais ao fundo do terreno, precede o patamar onde está a casa do caseiro, de construção recente.

São também de propriedade da fazenda as terras que ficam do outro lado da estrada, em frente à sede, até o limite com o rio Fagundes. Nesse trecho é que está a cachoeira (f05) que dá o nome à fazenda, na sequência de um enorme bambuzal. Entre a estrada e esse bambuzal há, ainda, um campinho de futebol (f06), para uso dos proprietários e visitantes da fazenda.

A sede está situada em área de suave inclinação (f07). Do lado esquerdo dela, mais recuada em relação à entrada da fazenda, fica a casa de caseiro, atrás da qual, com acesso por uma escada com vários lances, na parte superior da encosta, estão o canil, o galinheiro e uma horta (f08).

A fazenda da Cachoeira acha-se cercada por montanhas bem altas, numa média de 1.000 m de altitude, observando-se que a cobertura vegetal da encosta do lado esquerdo da sede está bastante desmatada, tendo a da direita trechos ainda bastante preservados (f09).



04



05



06

O local mais provável de localização do terreiro de secagem é o pátio visto logo a seguir da varanda dos fundos da casa, ladeado por uma construção nova, de planta baixa em retângulo, térrea desse lado do terreno e com dois andares pelo lado esquerdo da sede, aproveitando o desnível do solo. Nesse plano, há também uma piscina.

Na parte posterior desse novo bloco, a declividade do terreno é bem acentuada (f10), até as margens do córrego, tributário do rio Fagundes, que passa junto à lateral esquerda da sede, onde foi feito um represamento, formando uma piscina (f11).



07



08



09



10



11

A sede da Fazenda da Cachoeira é uma edificação de dois pavimentos na fachada frontal (f12), com acesso ao sobrado através da escada na lateral do prédio (f13). Encaixada na encosta, apresenta, no entanto, um único andar, se vista pela fachada dos fundos (f14).

O porão alto era, possivelmente, a antiga senzala, local dos agregados e depósito. A construção tem esse embasamento em pedra, com calçada inclinada, para o escoamento das águas do telhado (f15).



12



13



14



15

No piso superior, contígua à varanda, que se estende até a capela (f16), está a sala de estar (f17), antes dividida em dois cômodos, com portas duplas de acesso, de cada lado da lareira. Há mais duas portas simétricas a essas, que ligam esse cômodo à sala de jantar (f18) e a uma suíte, esta com janelas para a fachada lateral. A sala de jantar se comunica com a varanda dos fundos, com a cozinha e com o corredor (f19) onde chega a escada interna vinda do porão (que originalmente não existia). As outras duas suítes desse piso estão na lateral oposta, por trás da capela. A parede entre uma dessas suítes e a capela (f20) era originalmente baixa, possibilitando que os moradores da casa assistissem à missa protegidos dos olhares e do contato com os escravos – geralmente apenas os dedicados aos serviços domésticos –, aos quais era permitido assisti-la da varanda.



16



17



18



19



20

As dependências de serviço estão em comunicação com a cozinha, através de um corredor (ala nova), com saída para a lateral da casa, por uma escada, que leva a uma lavanderia (f21), também recente, no térreo.

No porão há, do lado direito, uma sala de jogos (f22) servida por um banheiro. Também se comunica com essa sala um depósito de grandes dimensões (f23). Ao lado, há uma sala de estar, onde fica a escada que conduz ao andar superior, um bar e uma adega (f24). Do outro lado do porão, com acesso por um corredor que se comunica com o exterior por portas duplas, foi construída pelos atuais proprietários uma ampla sala de cinema (f25).

Do pátio atrás da casa, entre a edificação antiga e o novo pavilhão, tem-se acesso ao subsolo deste por uma escada, que compartilha um patamar com a escada da cozinha (f26). Esse pavilhão tem, na parte de cima, uma sala de estar e um espaço para refeições, com apoio de uma churrasqueira, além de sauna, vestiários etc. (f27).



21



22



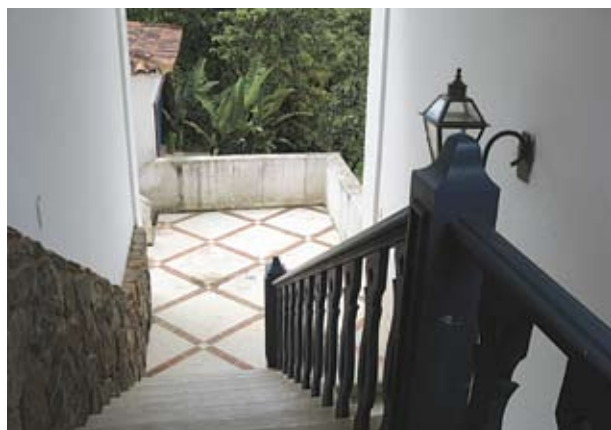
23



24



25



26



27

Na parte de baixo, ficam três suítes, com acesso a partir de um corredor. Voltada ao exterior, ao lado das suítes, está a casa de máquinas da piscina e da sauna.

As fachadas apresentam vãos em verga reta, sendo cada vão do porão situado entre dois vãos dos sobrado. A capela, situada no final da varanda, no andar principal à esquerda, responde pela assimetria na fachada frontal. Assim, têm-se seis vãos de janela ao longo da varanda, seguidos de um pano de alvenaria bem largo, no meio do qual se situa a janela correspondente ao espaço da capela. Alinha-se com ela, quase respeitando sua modulação na vertical, uma das quatro portas duplas de entrada do porão. Os alisares dessas janelas são encimados por sobrevergas retas, com referências neoclássicas (f28).

A fachada lateral, em que está locada a escada do acesso principal, é modulada, com oito vãos, sendo um deles a porta de entrada, à esquerda, e os outros de janelas, todos em verga reta, também encimados por sobrevergas retas, como as da fachada frontal (f29).

Entre o embasamento de pedra e a alvenaria que nele se apóia, há uma reentrância, provavelmente devido ao resultado da substituição do pau a pique pelo tijolo cerâmico.

O telhado, em quatro águas com beirais encachorrados, é recoberto por telhas coloniais, tendo sido estendido quando da ampliação da casa para a frente, incorporando a varanda frontal e para os fundos, incorporando a outra varanda.



28



29

O Inventário FUNDREM-INEPAC, feito em 1982, registrava a substituição do madeiramento da estrutura da cobertura e as telhas originais, por novas, e inferia como provável o aumento da cimalha por ocasião dessa reforma da cobertura. Constatava também a modificação da fachada posterior (f30). Além disso, afirmava que o antigo alambique havia sido demolido.

Segundo depoimento dos atuais proprietários, por volta de 2006 foi feita uma reforma com substituição do piso. Na ocasião, acharam-se algumas moedas de prata, que estavam enfiadas no barro, provavelmente por escravos, tentando esconder suas economias dentro da senzala. As moedas estão expostas numa moldura com vidro na casa-sede da fazenda (f31).

No porão, um muro de pedra que tinha sido pintado, foi restaurado, fazendo parte da sala de cinema. Na reforma feita pelo dono anterior, foi construído o anexo que existe hoje. Anterior a isso, a casa estendia-se até o limite da varanda.

A fachada do lado direito da sede também foi modificada (f32). Tentando estabelecer uma continuidade de estilo, a fachada contígua, correspondente ao novo pavilhão, se utiliza de elementos semelhantes aos da casa-sede original e, paradoxalmente, outros marcadamente modernos (f33).

O caminho de pedra junto à escada principal de acesso ao sobrado é original, formando uma rampa (f34), que conduz ao plano da parte posterior, onde fica a piscina e o pátio onde teria sido terreiro de café.

Existe uma súbita mudança na declividade do telhado, no sentido da fachada frontal e também da fachada de fundos da sede, fazendo supor que o limite da casa excluía, no passado, parte dos cômodos que dão para os fundos, conclusão baseada na similaridade entre os partidos arquitetônicos dessa fazenda e a de Sant'Anna.

A capela de Santa Catarina – onde consta ter estado o Imperador Pedro II – e o cemitério contíguo, faziam parte da Fazenda da Cachoeira, tendo sido cedida, mais tarde, à Prefeitura Municipal. Junto ao cemitério (f35) e à capela (f36 e f37) funciona atualmente um grupo escolar.

Tanto a casa quanto o jardim (f38) estão bem cuidados, não tendo as sucessivas reformas comprometido significativamente as características originais e a sobriedade da arquitetura. Ainda no jardim, próximo a casa principal, está preservada uma antiga pedra de moinho (f39). Destacam-se também diversas peças antigas de mobiliário e objetos, sem indícios, no entanto, de que sejam contemporâneas da construção do edifício-sede. Quanto à ornamentação, registram-se detalhes interessantes no acabamento, sobretudo dos forros de alguns cômodos da casa-sede (f40 a f42).



30



31



32



33



34



35



36



37



38



39



40

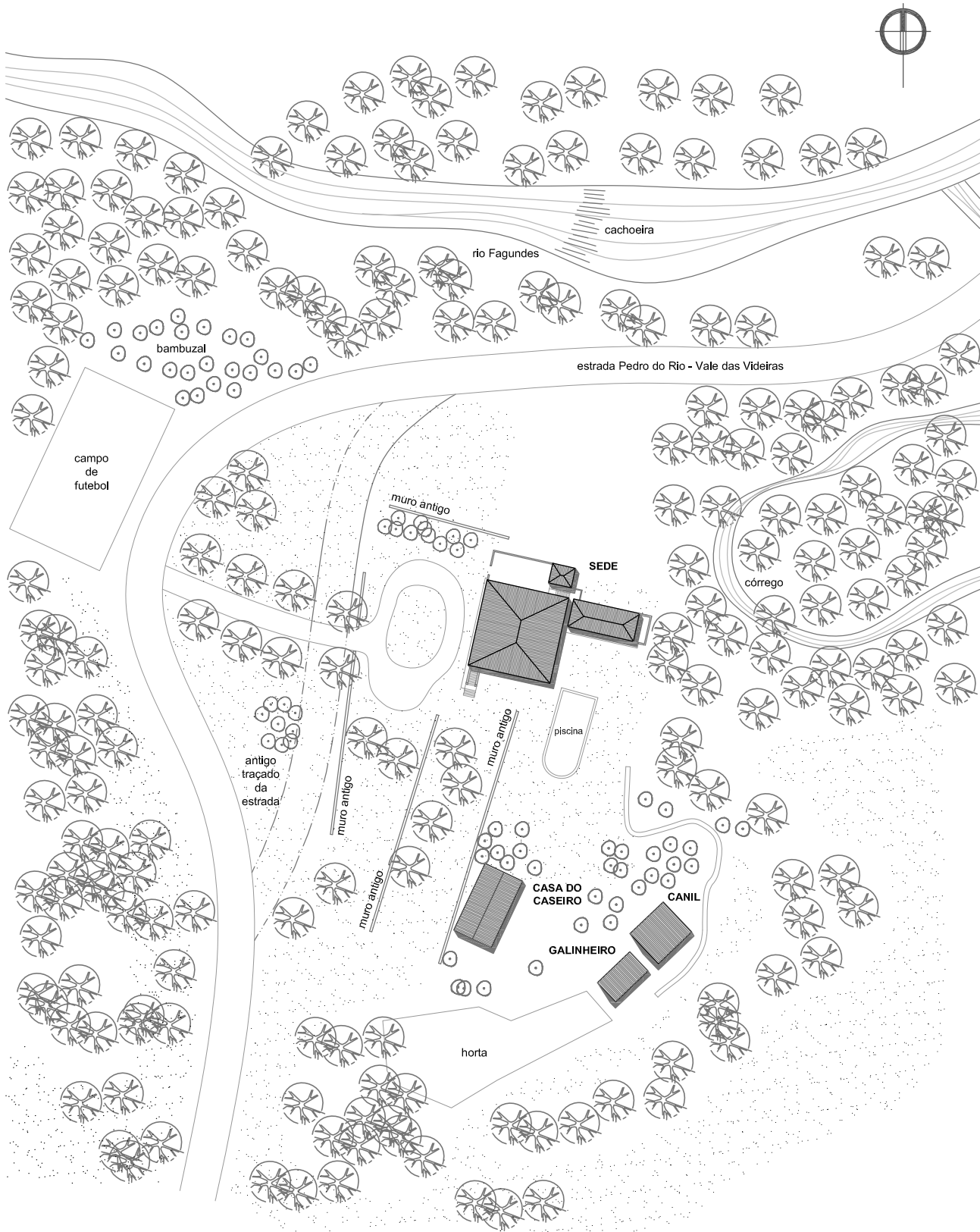


41



42

FAZENDA CACHOEIRA

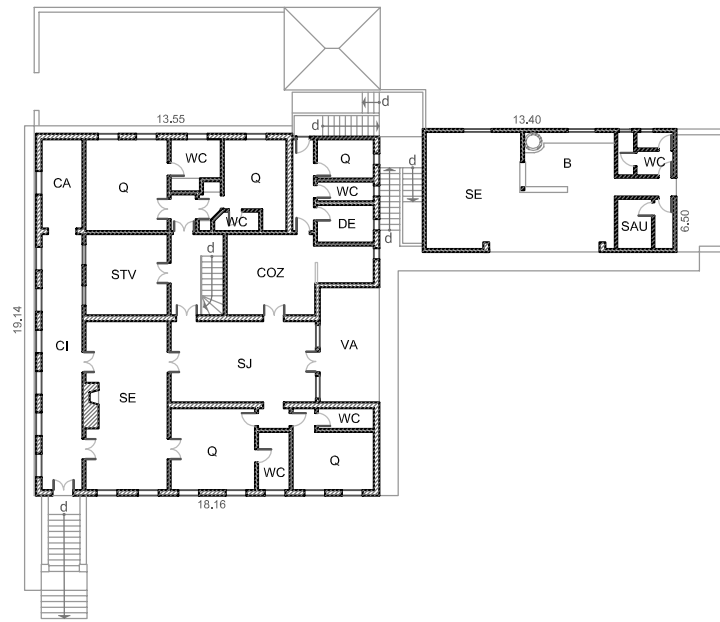


1 Implantação
escala: 1/1250

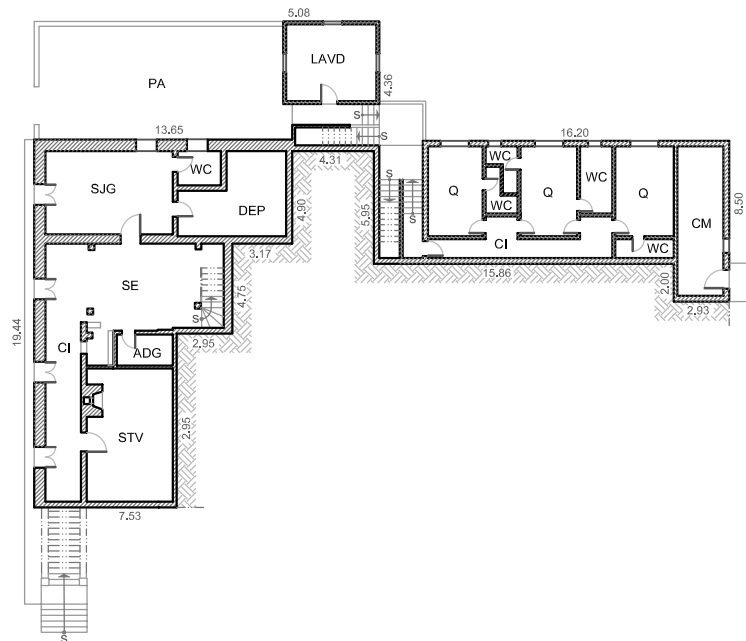


Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		AV - F05 - Pet		1/2
equipe: Eduardo Harguindeguy/Miriam Danowski	desenhista: Eduardo Harguindeguy	revisão: Francyla Bousquet	data: abr 2009	

FAZENDA CACHOEIRA



2 Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
escala: 1/400



1 Planta Baixa da Sede - Subsolo
escala: 1/400



ADG - adega	CI - circulação	DE - despensa	PA - pátio	SE - sala de estar	STV - sala de tv	alvenaria existente
B - bar	CM - casa de máquinas	DEP - depósito	Q - quarto	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	alvenaria demolida
CA - capela	COZ - cozinha	LAVD - lavanderia	SAU - sauna	SJG - salão de jogos	VA - varanda	

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AV - F05 - Pet

2/2

equipe:
Eduardo Harguindeguy/Miriam Danowski

desenhista:
Eduardo Harguindeguy

revisão:
Francyla Bousquet

data:
abr 2009

A Fazenda da Cachoeira foi comprada por volta de 2004, pelos atuais proprietários, que realizaram ali um empreendimento, o *Condomínio do Morro do Cuca*, do qual faz parte a fazenda, ocupando uma das frações ideais, com uma área de 55 mil m². As demais 17 frações, que são 17 (15 delas construídas), têm, cada uma, 20 alqueires, inclusive a da fazenda. Recentemente, mais 16 alqueires foram incorporados à fazenda, segundo depoimento do irmão dos referidos donos.

A Fazenda da Cachoeira, na época conhecida como Sítio da Cachoeira, foi construída em 1730, como conta o historiador Milton Mendonça, pelo alferes Francisco Tavares, e era uma fazenda de alambique. Depois que o alferes morreu, foi comprada dos herdeiros por José de Oliveira Ribeiro.

Apesar de ter havido na Fazenda da Cachoeira um terreiro para secagem, há indícios de que o café nela plantado, e de muitas outras fazendas da vizinhança, era levado (em côco, ou seja, inteiro) para o único engenho da região, que ficava na Fazenda da Conceição, onde era debulhado e ensacado.

A fazenda estava em terras próximas à antiga Roça do Alferes. Como conta Milton Mendonça, a dita Roça virou freguesia em 1755 e Vila de Paty do Alferes em 1820, porque o Rei D. João VI estava interessado em promover o incremento da agricultura no Vale do Paraíba. No entanto, Paty não passava de um pequeno e pobre povoado com quatro casas, além de assolado por uma guerra familiar entre os dois maiores proprietários da região, o capitão-mor Manuel Francisco Xavier, do Sítio da Cachoeira; e o Padre Inácio de Souza Werneck, da Fazenda de Santana das Palmeiras. Essa rixa, que durou até 1824, foi expulsando todos os colonos.

Enquanto isso, Vassouras, que era inicialmente apenas um arraial da Freguesia de Sacra Família do Tinguá, começou a prosperar, já que estava à beira da estrada, por onde passava o novo caminho do ouro em direção a Minas – “A Estrada da Polícia” –, inaugurada em 1820, e já que o solo era extremamente apropriado para o café, que ali começavam a plantar.

Conforme explica Milton Mendonça, *“a situação assim perdurou por todo o Primeiro Império, e somente depois da renúncia de D. Pedro I, a 07 de abril de 1831, é que recrudescer um movimento para mudar a sede municipal de Paty para Vassouras. Finalmente, em 15 de janeiro de 1833, a Regência Trina assinou um ato extinguindo a Vila de Paty do Alferes, e transferindo a sede municipal para o Arraial de Vassouras”*, alçado a vila a partir daquela data. Vassouras, então, graças à atividade cafeeira, que a notabilizou até o final do século XIX, passou rapidamente ao nível de comarca, em 1835, e depois a freguesia, em 1837.

A união entre os fazendeiros da região em muito teria contribuído para o desenvolvimento da localidade e ajudado na resistência diante do assalto do Quilombo de Manuel Congo, que se estabeleceu no alto da Serra de Santa Catarina em 1839, até ser extinto por tropas federais enviadas sob o comando do então Barão de Caxias.

Em 1857, a Freguesia de Vassouras foi promovida à categoria de cidade – na época era conhecida como a “Princesinha do Café”. Porém, quando, em 1866, perdeu a chance de obter uma ligação ferroviária estratégica com o Rio de Janeiro, em detrimento de Pirai, entrou numa fase de decadência e isolamento. Em 1875, foi implantado o Ramal Vassouras, porém, já era irreversível o processo, uma vez que o ciclo cafeeiro do Vale do Paraíba Fluminense atingia seu final, diante da exaustão dos solos e da perda da mão-de-obra escrava.

Quando da Abolição da Escravatura, em 13 de maio de 1888, a cidade era apenas uma pálida lembrança de seu faustoso passado. A criação de gado e a praga das formigas saúvas arrasaram qualquer tentativa de incremento da agricultura local e Vassouras parou no tempo por quase oitenta anos.

Eloy de Andrade traduz em números os bons momentos da cultura cafeeira fluminense: *“O apogeu foi de 1830 a 1875 e, nesses 45 anos, equivaleu, em média, a 65% da produção brasileira. Essa produção gerou uma extraordinária riqueza para os fazendeiros fluminenses que souberam aproveitá-la muito bem, construindo suas casas, como palácios rurais, e mantendo um trem de vida onde o luxo, o requinte e o fausto eram os apanágios corriqueiros desses ricos fazendeiros que são a grande maioria dos Barões do Café, agraciados por D. Pedro II no 2º Reinado, (1840-1889)”*.

Já a pesquisadora Maria Luiza Salgado considera que a importância da antiga Serra de Santa Catarina, atual Vale das Videiras, não era propriamente econômica, uma vez que aquelas terras eram impróprias para a cultura intensiva de café. Em vez disso, ressalta sua importância estratégica, já que era uma das rotas à disposição dos viajantes que vinham ou iam para as fazendas e áreas urbanas de Vassouras, Paraíba do Sul, Três Rios, Juiz de Fora e, dali, para seguir para pontos mais distantes, como São João Del Rei, Ouro Preto e Diamantina.

Tropeiros, vaqueiros, negociantes, enfim, viajantes de todas as categorias e classes sociais faziam este trajeto com ouro, moedas, roupas, pinga, sal, farinha etc. Na época das chuvas, diversos trechos viravam atoleiros de barro. Isso impedia a passagem e eles eram obrigados a esperar as condições climáticas melhorarem. Com o tempo, foram nascendo pequenos ranchos para abrigá-los durante seu pouso. Com eles, currais, cocheiras, estalagens. Depois, surgem as fazendas que, além de servir como unidades de produção, passaram a atender também às necessidades de pouso, descanso, higiene e alimentação, como é o caso das fazendas Bonsucesso, Santa Catarina, Sant’Anna do Vale, da Cachoeira e do Rocio. Na Fazenda da Cachoeira teria dormido o próprio Tiradentes, mais de uma vez.

Tendo por cenário a época da decadência da atividade cafeeira no Vale do Paraíba Fluminense, há um capítulo dramático na história da Fazenda Cachoeira, contado por Geraldo de Oliveira Imbelloni, corretor imobiliário especializado em imóveis do Vale das Videiras e descendente de uma das famílias mais tradicionais da região.

O avô dele, Francisco Imbelloni, veio solteiro da Itália e se casou no Brasil com Rosa Rispoli, dona da Fazenda Cachoeira, mais ou menos em 1870, quando essa área ainda estava sob a jurisdição de Paty do Alferes. Era também proprietário o tio-avô de Geraldo, irmão de Rosa Rispoli, conhecido como “Tituxo”, que acabou perdendo a fazenda por dívidas. Tituxo era muito parecido com D. Pedro II, e tinha mania de lavar as mãos depois de cumprimentar as pessoas.

Levada à leilão, a Fazenda Cachoeira foi arrematada por Paulo Tavares, com o dinheiro da venda da Fazenda São Pedro da Juréia, que era anteriormente de sua propriedade e, por sinal, administrada pelo pai de Geraldo, Nicolau. Os Imbelloni, revoltados por terem perdido a fazenda em que ainda moravam, e não querendo perder também a posse, atacaram Paulo Tavares com uma foice. Ele ficou muito ferido, mas se salvou.

Segundo Geraldo, foi seu pai o responsável pela abertura da trilha do vale até Araras, permitindo a passagem dos carros de boi. Antes disso, o único caminho era por Pedro do Rio.

Maria Luiza Salgado conta que, realmente, foi por volta do ano de 1875 que aportaram no Brasil alguns navios trazendo imigrantes das mais diferentes regiões da Itália, a grande maioria à procura de trabalho e novas oportunidades no setor agrícola. Relata ainda, sobre as famílias Rispoli e Imbelloni, cuja história está intimamente ligada à história da Fazenda da Cachoeira:

“Os que vieram do norte da Itália preferiram ir, em grande parte, para as províncias de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Os provenientes do sul da Itália dividiram-se entre São Paulo, Rio de Janeiro, Minas e Espírito Santo. A lavoura cafeeira absorveu praticamente toda a mão de obra, embora uns poucos imigrantes tenham se dedicado desde o início ao cultivo da uva, especialmente no Rio Grande do Sul.”

Mas, mesmo antes de extinta a escravidão, os italianos haviam substituído os negros na lavoura do café, uma vez que já encontraram as fazendas de café em franca decadência. A baixa qualidade do café brasileiro e, em especial, o produzido no Vale do Paraíba, determinava a seguida desvalorização do produto e a conseqüente queda dos preços internacionais.

Sem recursos para pagar meses e até anos de trabalho dos colonos italianos, os fazendeiros acenaram com o sistema de “parcerias” – que também não deu certo. Assim sendo, e como último recurso, a maioria dos fazendeiros decidiu pelo desmembramento de suas fazendas, passando para algumas famílias de italianos as glebas mais distantes ou menos férteis.

As fazendas mais próximas à região de Avelar, hoje um distrito do Município de Paty do Alferes, ficavam em áreas mais valorizadas, porque mais planas e mais propícias à cultura. Por isso, passaram seguidamente pelas mãos de diferentes proprietários e hoje, como minifúndios, dedicam-se à produção de tomates.

Já as áreas mais distantes, situadas em um extenso vale, na Serra de Araras, foram entregues como pagamento de dívidas acumuladas a alguns imigrantes napolitanos, oriundos de cidades às margens do Golfo de Salerno, no Mar Tirreno, como os irmãos Raphael Rispoli, Salvador Rispoli e Arthur Rispoli, todos naturais da minúscula cidade de Praiano Vetere, e Francisco Imbelloni, natural de Castellucio Inferiori, que foram os que receberam os quinhões mais representativos.

O clima, bem mais frio do que aquele das áreas próximas a Vassouras, e as terras, bem escarpadas, desde logo se mostraram pouco propícias à plantação de café. Estas duas características estimularam aqueles imigrantes a buscarem uma outra solução em suas origens, a plantação de uvas. As mudas teriam vindo de um dos vinhedos mais importantes do sul da Itália, o dos Mastroberardino ad Atripalda, na província de Avellino.

Também daquela cidade italiana vieram muitos imigrantes que, radicados nesta mesma região, e por falta de documentação, adotaram o sobrenome Avellino. Então, com a ajuda daqueles italianos e com o apoio decisivo da família imperial, chegaram ao Brasil as primeiras mudas da uva variedade *Aglianico*, reconhecida pelos seus vinhos com estupendo dote de longevidade. Grande parte das mudas teria se perdido diante do rigor da viagem. Das poucas que restaram, pouquíssimas conseguiram vingar, em virtude da enorme diferença climática e de solo, além da falta de trato adequado. A espécie de uva escolhida teria sido, também, um enorme equívoco.

Imbelloni perdeu todas as suas mudas, mas, com a ajuda de imigrantes italianos estabelecidos no interior de São Paulo, obteve outras mudas da variedade de uva aqui conhecida como Isabel. Essa uva, bem mais rústica e já adaptada aos rigores climáticos da Serra Gaúcha, teria se adaptado bem à Serra das Araras.

Mesmo após o falecimento de Francisco Imbelloni, em 12 de janeiro de 1912, e com o posterior desmembramento e venda de suas terras, alguns daqueles parreirais sobreviveram e, segundo atestam descendentes e alguns antigos moradores, na década de 40 ainda se viam parreirais, a maioria deles completamente abandonados.

Quanto aos três irmãos Rispoli, ao que se sabe, insistiram enquanto puderam com as mudas que lhe restaram da uva *Aglianico* e, em seguida, plantaram alguns cafezais. Mas não chegaram a ocupar sequer a quarta parte das terras que formavam a sua propriedade. Primeiro, porque a maior parte era constituída de morros em pedra, sem nenhuma terra para sustentar qualquer tipo de plantação. A outra parte, de difícil acesso, exigia intenso emprego de mão-de-obra, havendo, ainda, o problema do escoamento do produto.

Raphael Rispoli, com a morte de sua mulher em 1889, teve o seu ânimo reduzido. Além disso, tal qual os poucos parreirais que plantou nos 2 milhões de m² que lhe foram destinados, também ele não se adaptou ao clima de montanha, bem diverso daquele de sua origem. Então, corroído por problemas de saúde, veio a falecer em 1896, aos 62 anos, dez anos após a tentativa de se estabelecer na região.

Com o falecimento de Raphael Rispoli, a propriedade foi desmembrada em nove partes: uma, reservada a um cemitério, onde ele e a esposa encontram-se enterrados; e as outras oito, entre os herdeiros Arthur, Rosa, Jácomo, Rafael, Gregório, Vicência, Francisca e Pascoal.

Consta que Salvador Rispoli, falecido em 1918, e Arthur Rispoli, em 1920, bem como alguns dos novos adquirentes, ainda tentaram desenvolver a cultura da uva em seus quinhões de propriedade. Nenhuma informação concreta, todavia, foi conseguida.

A primeira referência ao nome “Vale das Videiras” foi encontrada em um mapa apócrifo, datado de 1946. Ele registra a existência de uma estrada de terra interligando Araras a uma região denominada “Vale das Videiras”, passando antes por uma garganta, a 1.263 m de altitude, denominada “Garganta da Ponte Funda”, e seguindo depois ao lado de um riacho com o nome de “Ponte Funda”, que passa dentro da Fazenda Santa Catharina e desemboca no “rio Fagundes”. Segundo tal mapa, a “Garganta da Ponte Funda” seria o montante divisório entre os municípios de Petrópolis e Vassouras.

Por volta de 1950 foram feitos novos desmembramentos e novas vendas, surgindo, daí, fazendas menores, sítios, chácaras e até um loteamento – o Vale das Videiras –, que veio a obter registro em Petrópolis.

As uvas produzidas no vale eram consideradas de ótima qualidade. O pessoal do lugar se lembra de uma foto, tirada por volta desse ano de 1950, em que o próprio Getúlio Vargas, numa comemoração no Quitandinha, aparecia segurando um cacho de uvas da região, tida como das melhores do Brasil.

Mas esse passado glorioso, tanto da cultura cafeeira, quanto da cultura da uva, ainda podem gerar grandes riquezas para a região do Vale das Videiras, se o filão do turismo rural for incrementado e valorizado – aliando história e ambiente natural.

Fontes:

MENDONÇA, Milton. *Fazendas do Café: Vassouras*. Sindicato Estadual dos Guias de Turismo do Rio de Janeiro, 2006.

ANDRADE, Eloy de. *O Vale do Paraíba*. Rio de Janeiro: Real Gráfica, 1989.